nara roesler

meu corpo: território de disputa

roesler curatorial project
curadoria galciani neves

anna bella geiger, berna reale, brígida baltar,
daiara tukano, djanira da motta e silva,
eneida sanches, fernanda gassen, flávia vieira,
hariel revignet, isabella beneduci, josi, laura berbert,
letícia parente, livia aquino, maré de matos,
mônica ventura, nazareth pacheco, regina parra,
renata felinto, rubiane maia, sallisa rosa,
sumé vasconcellos, tadáskía, terroristas del amor,
vânia medeiros, virginia de medeiros

nara roesler são paulo
abertura 9 de fevereiro
exposição 9 fev – 18 mar, 2023

Nara Roesler São Paulo tem o prazer de inaugurar seu calendário anual de exposições com mais uma edição do Roesler Curatorial Project. A coletiva *Meu corpo: Território de disputa*, com curadoria de Galciani Neves, reúne 27 artistas mulheres expoentes de diferentes gerações, cujos trabalhos evocam as experiências vivenciadas por corpos reconhecidos como de mulher. *Meu corpo: Território de disputa* abre ao público no dia 9 de fevereiro de 2023.

"Viver em um corpo reconhecido como um corpo de mulher é saber que este corpo pode ser apalpado, violado, avalizado subitamente. Viver em um corpo reconhecido como um corpo de mulher é viver um corpo-escudo, um corpo-flama, apto ao embate. Estamos em estado de combate e defesa" afirma Galciani Neves, ao definir as inquietações que deram origem a seu projeto curatorial.

Enquanto as estatísticas se revelam assombrosas pela crueza dos fatos – o Anuário Brasileiro de Segurança Pública aponta que uma mulher é vítima de feminicídio a cada 7 horas, no país – Neves apresenta um conjunto diverso de estratégias poéticas desenvolvidas pelas artistas, que encaram esse cenário a partir da crítica, da fabulação, da autoafirmação e do reconhecimento de ser mulher no Brasil. Propondo uma corporeidade centrada no desejo, na espiritualidade e na ancestralidade, as artistas fazem do corpo um espaço de luta, resistência, força e gozo.

A mostra se organiza em três eixos principais, intitulados: *A liberdade também é um combate*, *Fabular uma anatomia experiencial*, e *Corpo-floresta em desbunde*. Na primeira sessão figura *Quando todos calam #2* (2009), trabalho icônico de Berna Reale, na qual a performer se deita, nua, coberta por vísceras, sobre uma mesa a céu aberto no Mercado Ver o Peso, em Belém. Reale, que também atua como perita criminal, conhece a materialidade da violência em toda sua brutalidade. Outras formas de violência visíveis, como aquela instituída pelas representações da história da arte, aparecem no trabalho de Anna Bella Geiger, assim como a dos padrões de beleza, criticados no sedutor, mas perigoso, vestido de navalhas de Nazareth Pacheco.

A linguagem desponta como estratégia que permeia a exposição na construção de narrativas elusivas e angustiantes, como as bandeiras das Terroristas del amor, o letreiro neon de Lívia Aquino, os desenhos-anotações de Letícia Parente, e a colagem de notas fiscais e fotografias de Renata Felinto. As imagens também se guiam pela criação de ficções poéticas e irônicas, como no trabalho *Identidade é ficção* (2019), de Sallisa Rosa, goiana radicada no Rio de Janeiro; também pela fabulação acerca de ataques e violências, como em *Memória demarcada* (2020), da carioca Sumé Vasconcelos (Yina); assim como pelo registro de processos ritualísticos apresentado em *Dissoluções* (2021), de Rubiane Maia, capixaba radicada no Reino Unido.

Como não poderia deixar de ser, o corpo, como força de autoria, e sua anatomia, como estratégia de resistência, aparece como um dos principais temas dos trabalhos. Os objetos poéticos de Brígida Baltar se destacam pela estranheza das formas corporais distorcidas, e dialogam com as esculturas de Josi e pela organicidade minimalista presente nas obras de Flávia Vieira. Já os trabalhos de Djanira, Tadáskía e Hariel Revignet discutem temáticas relacionadas à ancestralidade.
A dimensão política, por sua vez, perpassa todos os trabalhos, com destaque para os retratos de *Guerrilheiras*, da série *Alma de Bronze* de Virgínia de Medeiros. Durante meses, a artista conviveu com as lideranças femininas do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), fotografando-as em seus lares. Como é comum na prática de Medeiros, o corpo não é só o individual, mas também é um corpo coletivo, um corpo político que constrói, com o outro, o reconhecimento.

Artista participantes: Anna Bella Geiger, Berna Reale, Brígida Baltar, Djanira, Daiara Tukano, Eneida Sanches, Fernanda Gassen, Flávia Vieira, Hariel Revignet, Isabella Beneduci, Josi, Laura Berbet, Letícia Parente, Lívia Aquino, Maré de Matos, Monica Ventura, Nazareth Pacheco, Renata Felinto, Regina Parra, Rubiane Maia, Sallisa Rosa, Sumé Vasconcellos, Tadáskía, Terroristas del Amor, Vânia Medeiros e Virginia de Medeiros.

capa Brígida Baltar, *Corpo-casa [Mamás]*, 2020 [detalhe]

anna bella geiger

Nascida no Rio de Janeiro, Brasil, em 1933, onde vive e trabalha, é uma das artistas mais importantes do país. Pioneira da videoarte no país, é uma das grandes expoentes da primeira geração de artistas conceituais latino-americanos. Já participou de importantes exposições coletivas no Brasil e no exterior, como a 9ª Bienal Internacional de São Paulo (São Paulo, Brasil, 1967); 39ª Bienal de Veneza (Veneza, Itália, 1980); *América Latina 1960–2013* (Fondation Cartier pour l'art contemporain, Paris, 2013); *Radical Women, Latin American Art* (The Brooklyn Museum, Nova York, 2018); Também realizou diversas exposições individuais, como: *Anna Bella Geiger: Brasil Nativo/Brasil Alienígena* (Museu de Arte de São Paulo – MASP, São Paulo, Brasil, 2019); *Anna Bella Geiger: Here is The Center* (Wallach Art Gallery, Columbia University, Nova York, 2018).

Anna Bella Geiger
Corpo feminino e seu appendix (após Brecheret), da série Tranferrs, 2014
colagem e backlight
edição de 5 + 2 PA
21,5 x 15,5 x 10 cm

Foto Bruno Leão © Cortesia da artista e Mendes Wood DM São Paulo, Bruxelas, Nova York

Foto Bruno Leão © Cortesia da artista e Mendes Wood DM São Paulo, Bruxelas, Nova York

Anna Bella Geiger
Corpo masculino com Tarsilas, da série Transferrs, 2014
colagem e backlight
edição de 5 + 2 PA
17 x 20,5 x 10 cm

Foto Flávio Freire © Cortesia da artista e Nara Roesler

Berna Reale
Quando todos calam # 2, 2009
impressão fotográfica
sobre papel de algodão
edição de 5 + 2 PA
66 x 100 cm

berna reale

Nascida em Belém do Pará, Brasil, em 1965, Berna Reale vive e trabalha em sua cidade natal. Com um trabalho que discute aspectos materiais e simbólicos da violência, frequentemente usando o próprio corpo como suporte através de performances, vídeos e fotografias, a artista integra acervos de importantes instituições culturais dentro e fora do Brasil, como Instituto Itaú Cultural (São Paulo, Brasil); Museu de Arte Moderna de São Paulo, (São Paulo, Brasil) e Kunsthaus Wiesbaden (Wiesbaden, Alemanha). Dentre suas exposições individuais, se destacam: *While You Laugh* (Galeria Nara Roesler, Nova York, Estados Unidos, 2019); *Vão* (Centro Cultural Banco do Brasil, Brasil, 2017); *Berna Reale: Uber Uns/About Us* (Kunsthaus, Wiesbaden, Alemanha, 2017); *Berna Reale: Singing in the Rain* (Utah Museum of Contemporary Art, Salt Lake City, Estados Unidos, 2016); *Vazio de Nós* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); Já integrou também diversas exposições coletivas, como a 3ª Bienal de Foto de Beijing (China, 2018); 56ª Bienal de Veneza (Itália, 2015); e *Artistas Comprometidos? Talvez* (Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal, 2014).

brígida baltar

Brígida Baltar nasceu em 1959, no Rio de Janeiro, Brasil, onde trabalhou e viveu até o fim de sua vida, em 2022. O trabalho de Brígida Baltar cruzou fronteiras entre vídeo, performance, instalação, desenho e escultura. A artista começou a desenvolver sua obra na década de 1990, por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê investigando questões ligadas a materiais da vida doméstica e elementos orgânicos. Seu trabalho integra coleções e acervos de importantes museus e instituições culturais do Brasil e internacionais, como o Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, Estados Unidos; Museum of Contemporary Art of Cleveland, Cleveland, Estados Unidos; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio). Dentre suas principais exposições individuais figuram: *Brígida Baltar – Passagem Secreta* (Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil, 2007); *O Amor do Pássaro Rebelde* (Cavalariças, Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil, 2012) e *Brígida Baltar: Filmes* (Espaço Cultural BNDES, Rio de Janeiro, Brasil, 2019). Integrou também importantes mostras coletivas, dentre elas: *Crônicas Cariocas* (Museu de Arte do Rio – MAR, Rio de Janeiro, 2021), 12ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre, Brasil, 2020), *Neither-nor: Abstract Landscapes, Portraits and Still Lives* (Terra-Art Project, Londres, Reino Unido, 2017) e *Constructing Views: Experimental Film and Video from Brazil* (New Museum, Nova York, EUA, 2010).

Brígida Baltar
As conchas-vagina (mostruário), 2017
cerâmica esmaltada e caixa de madeira
42,5 x 49,5 x 7,5 cm

Foto Flávio Freire © Cortesia do espólio da artista e Nara Roesler

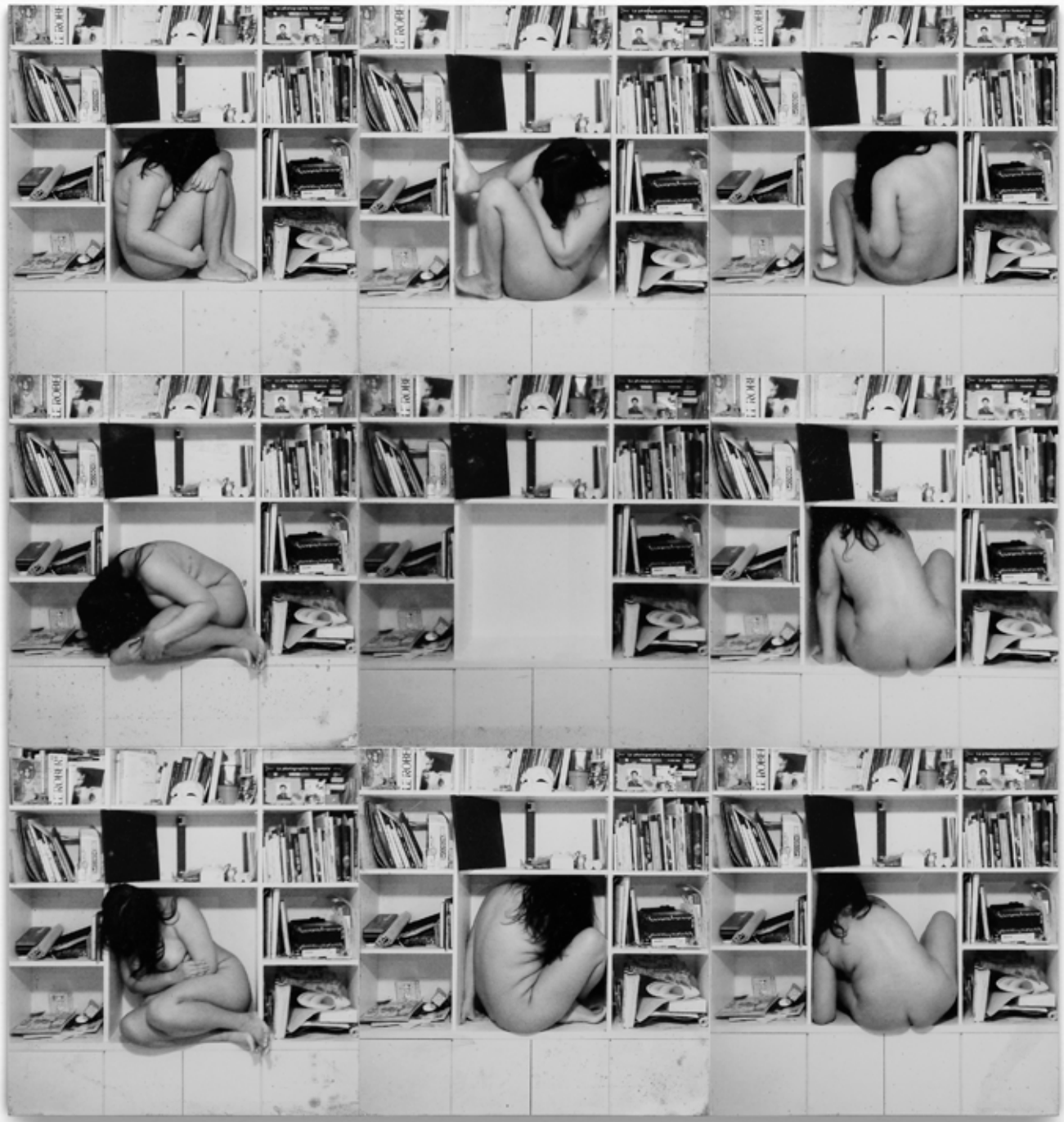
Brígida Baltar
Corpo-casa [Mamás], 2020
19 tijolos esculpidos
e vitrine de ferro e madeira
unique
100 x 118,7 x 44,7 cm

Foto Flávio Freire © Cortesia do espólio da artista e Nara Roesler

Foto Flávio Freire © Cortesia do espólio da artista e Nara Roesler

daiara tukano

Artista, professora e ativista dos direitos indígenas, Daiara Tukano nasceu em São Paulo, Brasil, em 1982, e vive e trabalha em Brasília, Brasil. Sua poética é associada ao povo indígena Tukano, etnia a qual pertence, cuja cultura visual é permeada por visões místicas, onde reside o interesse de seu trabalho. Participou de importantes exposições coletivas no Brasil e exterior, como Histórias Brasileiras (Museu de Arte de São Paulo – MASP, São Paulo, Brasil, 2022); *Ka'a Body: Cosmovision of the rainforest* (Paradise Row, Londres, Inglaterra, 2021); 34ª Bienal de São Paulo – *Faz Escuro mas eu Canto* (São Paulo, Brasil, 2021); *Moquém Surari – Arte Indígena Contemporânea* (Museu de Arte Moderna de São Paulo - MAM/SP, São Paulo, Brasil, 2021) e *Véxoa: nós sabemos* (Pinacoteca do Estado de São Paulo: São Paulo, Brasil, 2020).



Daiara Tukano, 2010
Eu na estante
fotoperformance
9 peças de 25 x 25 cm (cada)

© Cortesia da artista e Millan

djanira da motta e silva

Nascida em Avaré, São Paulo, Brasil, 1914, e falecida no Rio de Janeiro, Brasil, em 1979, Djanira da Motta e Silva foi um importante nome da pintura moderna no Brasil, unindo em seu trabalho elementos formais do modernismo a elementos da cultura popular brasileira. Seu trabalho está presente no acervo de importantes museus e instituições culturais, como: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio (Rio de Janeiro, Brasil); Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro, Brasil) e Instituto Itaú Cultural (São Paulo, Brasil). Dentre suas exposições individuais, destaca-se a recente *Djanira: A Memória de seu Povo* (Museu de Arte de São Paulo – MASP, 2019). Figurou também em coletivas de destaque, como 1ª Bienal Internacional de São Paulo (São Paulo, 1951); *Vaivém* (Centro Cultural Banco do Brasil, 2019); *Alucinações a Beira-Mar* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio, 2017); *Modos de Ver o Brasil: Itaú Cultural 30 Anos* (Oca, Parque do Ibirapuera, São Paulo, 2017).

Djanira da Motta e Silva
Sem título, sem data
tinta acrílica sobre tela
70,5 x 89,5 cm
coleção Irapoan Cavalcanti

Foto Flávio Freire © Cortesia Nara Roesler e coleção Irapoan Cavalcanti

eneida sanches

Nascida em Salvador, Brasil, em 1962, Eneida Sanches vive e trabalha em São Paulo, Brasil. Sua poética é voltada sobretudo para a poética africana e afro-brasileira, tendo como linguagem a gravura e a instalação. Com trajetória iniciada na década de 1990, tem seu trabalho presente em acervos de diversas instituições do Brasil e do exterior: Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP (São Paulo, Brasil); Smithsonian Institute (Washington DC, Estados Unidos); Museu de Arte Moderna da Bahia (Salvador, Brasil) e Museum for African Art (Nova York, Estados Unidos). Já integrou importantes exposições coletivas, como: 37º Panorama da Arte Brasileira (Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP, São Paulo, Brasil, 2022); 12ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre, Brasil, 2020) e 3ª Trienal de Luanda (Luanda, Angola, 2010).

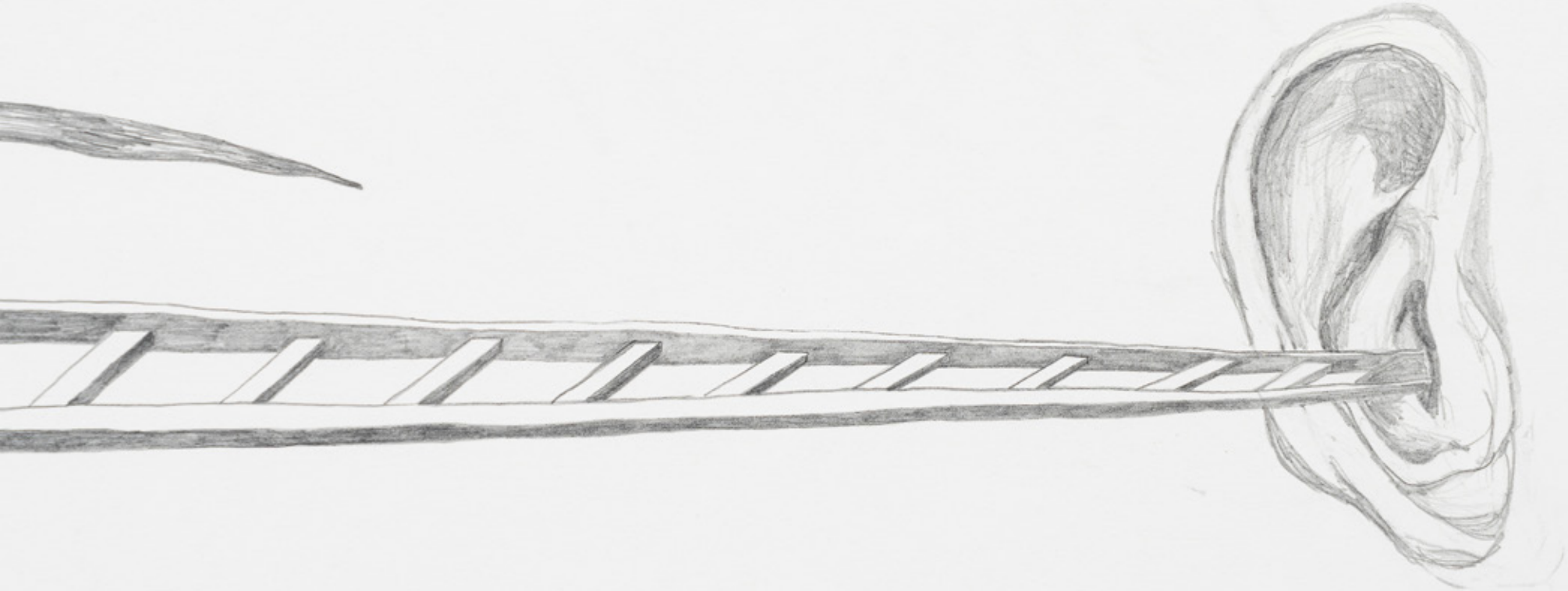
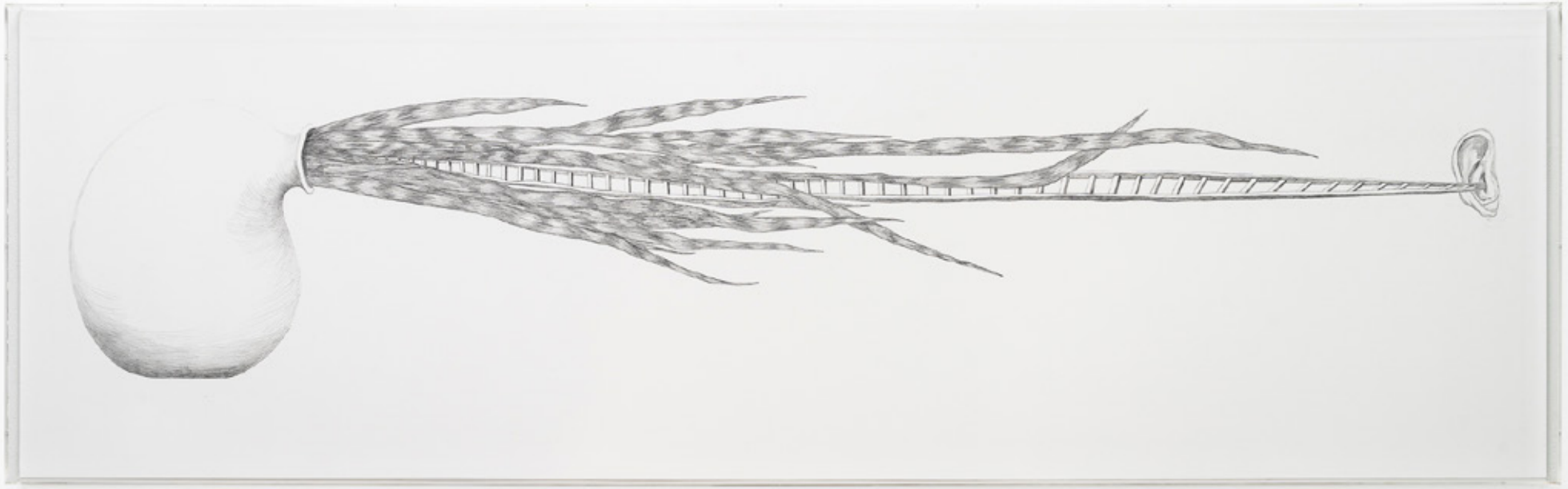


Foto Flávio Freire © Cortesia da artista

Foto Flávio Freire © Cortesia da artista



Eneida Sanches
Plantas que curam através das suas histórias/cantos
grafite sobre papel
60 x 240 cm

Foto Fabio del Re © Cortesia da artista

fernanda gassen

Fernanda Gassen nasceu em São João do Polêsine, Rio Grande do Sul, Brasil, 1982, e vive e trabalha em Porto Alegre, Brasil. Em seu processo artístico recente, reportagens criminalísticas, pesquisas estatísticas e literatura de gênero são vertidas em proposições gráficas e propostas conceituais. As noções de quantidade, repetição, expressão numérica, acúmulo e proporção que caracterizam esse tipo de referencial também estão presentes em sua poética, seja na construção dos trabalhos ou em suas formas de representação. Participou de diversas mostras coletivas, como: *No Presente, a Vida (é) Política* (Central Galeria, São Paulo, Brasil, 2020); *Eu Estou Aqui Agora* (Fundação Vera Chaves Barcellos, Porto Alegre, Brasil, 2019); *Unânime Noite* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil, 2018) e 9ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre, Brasil, 2013).

Fernanda Gassen
Sem-número, 2020
aquarela e lápis sobre parede
única
593 x 529 cm

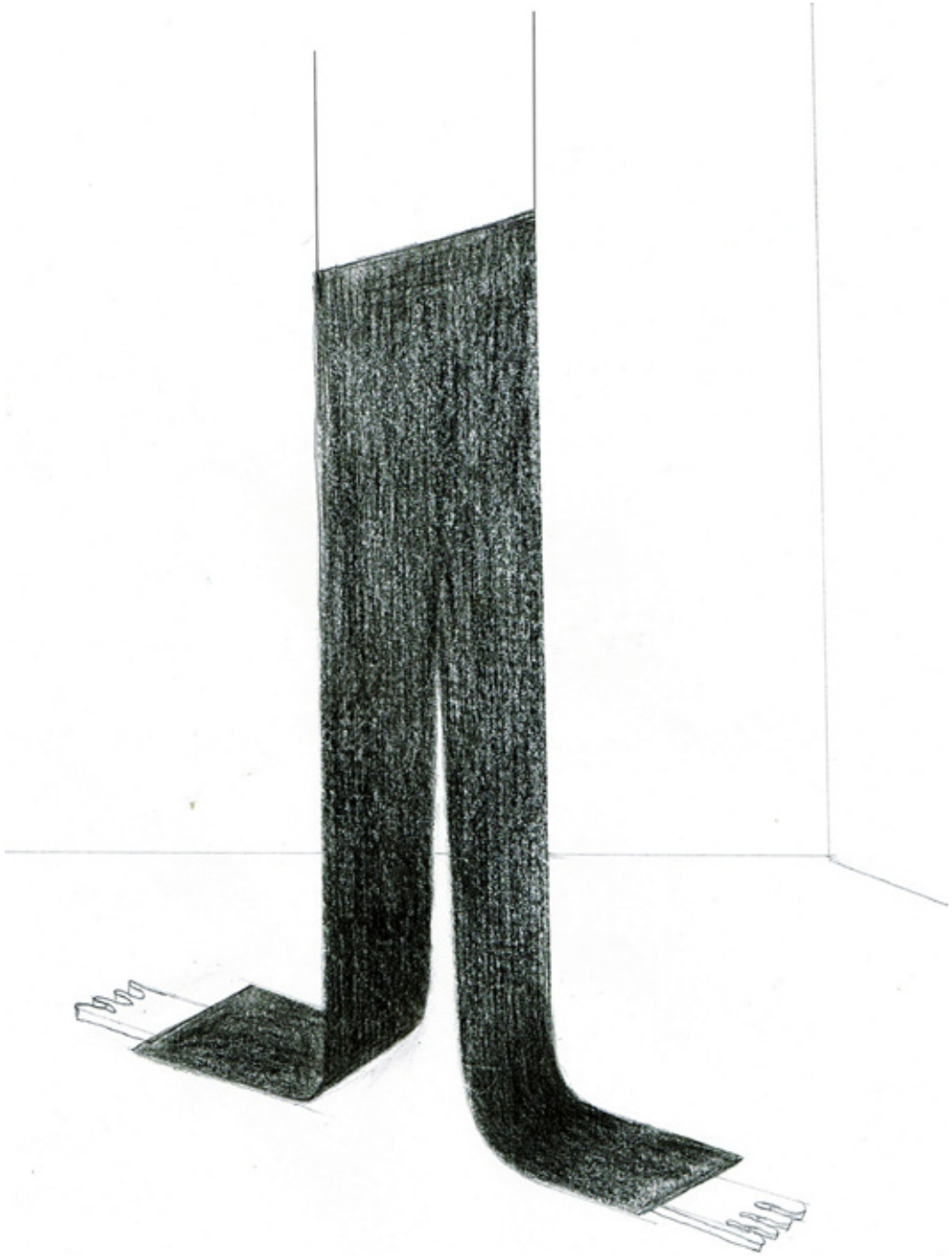
flávia vieira

Nascida em Braga, Portugal, em 1983, Flávia Vieira vive e trabalha em São Paulo, Brasil. Sua poética se debruça sobre têxteis, cerâmicas e os elementos decorrentes desses trabalhos artesanais, explorando noções de identidade coletiva, representação e folclore. Já realizou exposições individuais no Brasil e em Portugal, como: *Brasilina* (Kubikgallery, Porto, Portugal, 2021) e *Secret Life of Materials* (Centro Cultural Sérgio Porto, Rio de Janeiro, Brasil, 2012) e participou também de coletivas no Brasil e no exterior, como: *Form der Unruhe* (MOM Art Space, Hamburgo, Alemanha, 2022); Obscura Luz (Galeria Luisa Strina, São Paulo, 2022) e *Focus: Portugal* (Art Toronto, Toronto, Canadá, 2019).

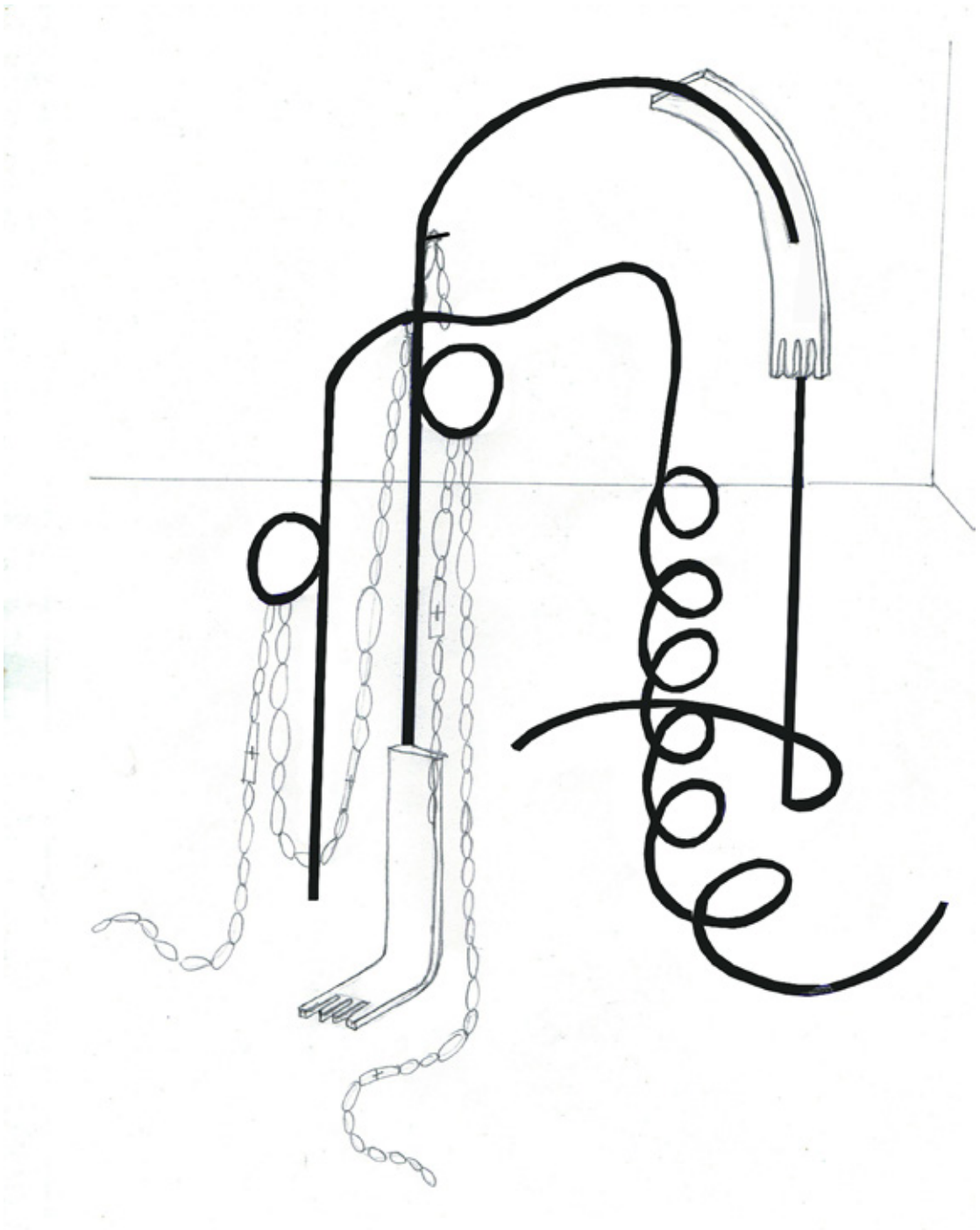
Flávia Vieira
Hopes and fears, 2018
pigmento de açaí, beterraba,
açafrão e spirulina sobre cerâmica
7 x 11 cm

© Cortesia da artista

© Cortesia da artista



Flávia Vieira
Venus as a boy, 2023
tapeçaria e cerâmica
220 x 50 x 50 cm



Flávia Vieira
Erotica, 2023
cerâmica e aço
170 x 80 x 160 cm

© Cortesia da artista

hariel revignet

Nascida em Goiânia, Brasil, em 1995, onde vive e trabalha, Hariel Revignet tem como ponto central de sua poética a questão da ancestralidade e espiritualidade africana e indígena, que se manifesta através de trabalhos pictóricos e performáticos. Tem participado de importantes exposições coletivas, como: *Enciclopédia Negra* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2021); *Construção* (Mendes Wood DM, São Paulo, Brasil, 2020) e 7º Prêmio EDP nas Artes do Instituto Tomie Ohtake (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, 2020).

Hariel Revignet
Abenigo y Tchoua, 2023
tinta acrílica sobre tela
210 x 450 cm

isabella beneduci

Nascida em São Paulo, Brasil, em 1992, onde vive e trabalha, tem como objeto de sua poética as relações entre palavra e poder, violência e linguagem, e seus modos de circulação, se utilizando do desenho como instrumento de anotação e investigação cotidiana. Já integrou exposições coletivas, como: *Biblioteca Floresta* (SESC Belenzinho, São Paulo, Brasil, 2021) e *Bienal do Sertão* (Museu do Piauí, Teresina, Brasil, 2019).

Isabella Beneduci
Rito de passagem
31.07.2022 às 20:51, 2022
fotografia
90 x 135 cm

© Cortesia da artista

Foto Flávio Freire © Cortesia da artista

Josi
Série decantações, fervuras e temperamentos, 2022
água de feijão, nódia de banana e diquada sobre papel
82 x 62 cm

josi

Josi nasceu em Itamarandiba, Minas Gerais, Brasil, em 1983, e vive e trabalha em Belo Horizonte, Brasil. Seu trabalho se debruça sobre as relações com a ancestralidade a partir da sobrevivência de métodos tradicionais, como a cerâmica, a costura, o lavar roupas, e suas relações com a pintura, a escrita e o desenho. Possui uma pesquisa com pigmentos vegetais e minerais como urucum, açafrão, feijão e terra. Participou de exposições coletivas, como: *8º Prêmio Artes Tomie Ohtake* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2022); *Algumas Histórias sobre Nós* (Galeria Danielian, Rio de Janeiro, Brasil, 2022) e *Premiados Pipa* (Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil, 2022). Também realizou sua primeira exposição individual: *Quarar Reverso* (Piccola Galeria, Casa Fiat de Cultura, Belo Horizonte, Brasil, 2022).

Josi
Série decantações, fervuras e temperamentos, 2022
água de feijão, nódia de banana e diquada sobre papel
82 x 62 cm

Foto Flávio Freire © Cortesia da artista

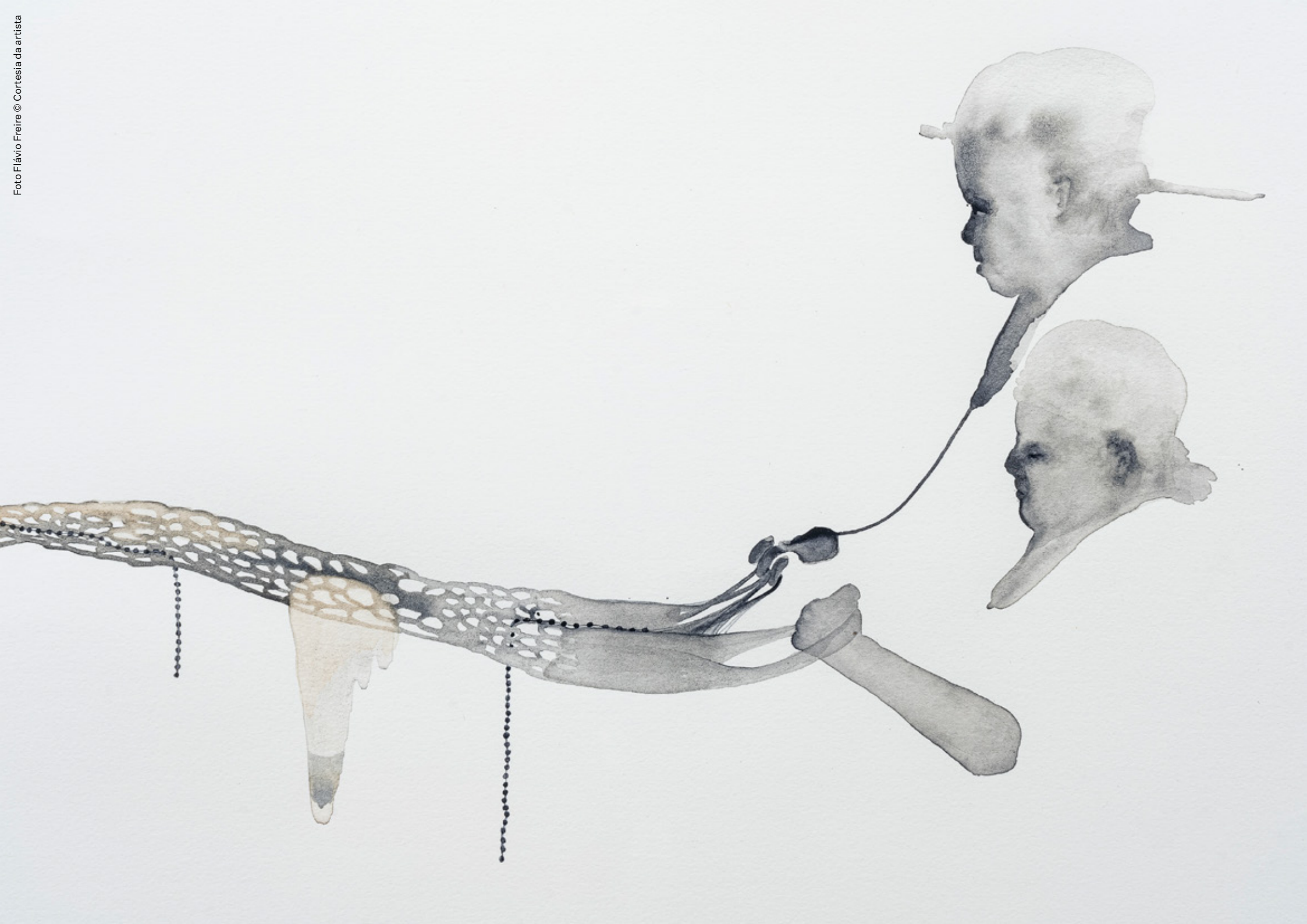


Foto Flávio Freire © Cortesia da artista

Josi
Perspectiva de descanso, 2021
cerâmica
18 x 20 x 15 cm

Foto Flávio Freire © Cortesia da artista

Foto Flávio Freire © Cortesia da artista

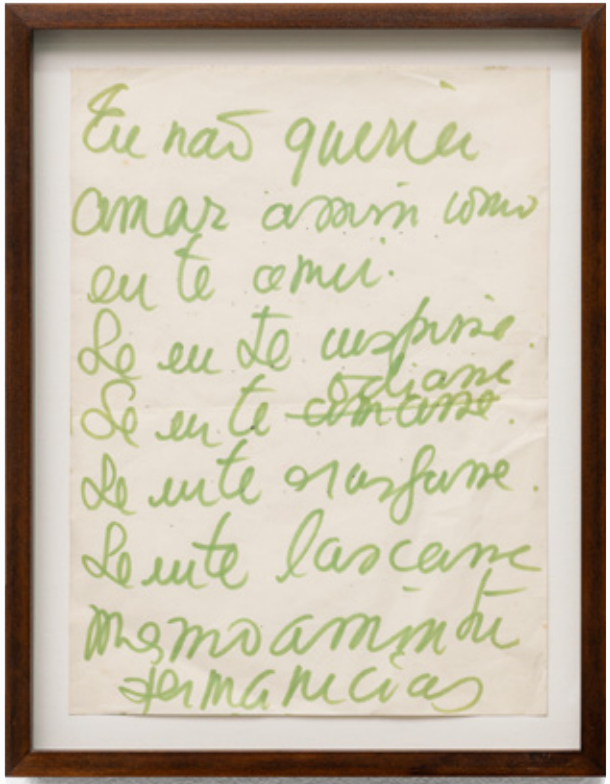
laura berbert

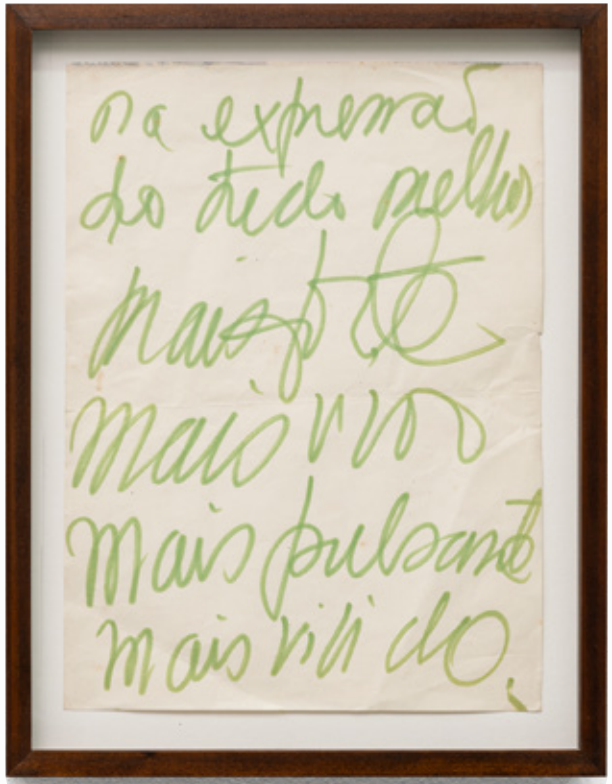
Nascida em Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, em 1990, Laura Berbert vive e trabalha em São Paulo, Brasil. Entre 2013 e 2016, integrou o coletivo Lavoura Ambulante & Edições, publicando livros de artistas e impressos autorais, além de desenvolver projetos de artes gráficas e encadernação manual. Essa experiência levou Berbert a se aprofundar na linguagem das mídias gráficas, elemento que se revela importante em sua poética. Sua produção perpassa os meios da publicação, da instalação, do desenho, do vídeo e do bordado. Participou de exposições coletivas, como: *Um Erro Inesperado Aconteceu* (Galeria Periscópio, Belo Horizonte, Brasil, 2020); *Biblioteca Floresta* (Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brasil, 2018) e *5º Prêmio EDP Energias na Arte* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2016).

Foto Patrícia Araujo © Cortesia da artista

Laura Berbert
Ninguém governa o gozo da alma, 2016–2022
bordado sobre tecido
150 x 112,5 cm

Foto Flávio Freire © Nara Roesler e Galeria Jaqueline Martins





Letícia Parente
Sem título, anos 1970
caneta hidrográfica sobre papel
29,5 x 21,5 cm (cada)

letícia parente

Nascida em Salvador, Bahia, Brasil, em 1930, tendo falecido no Rio de Janeiro, Brasil, em 1991, foi uma importante artista brasileira da década de 1970, momento em que os movimentos de arte conceitual ganharam força no país. Parente foi pioneira em trabalhos com novas mídias, em especial a videoarte, embora também tenha trabalhado com xerox, arte postal e instalação. Pontos importantes de sua poética são a casa e o corpo, elementos que a artista utilizou para estabelecer um diálogo entre a vida íntima e o mundo. Seu trabalho integra coleções de importantes instituições culturais, como o Instituto Itaú Cultural (São Paulo, Brasil) e o Centre Georges Pompidou (Paris, França). Dentre as individuais recentes estão: *Letícia Parente* (Museu de Arte de São Paulo – MASP, São Paulo, Brasil, 2022) e *Letícia Parente* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil, 2011). Dentre as mostras coletivas, destacam-se: Constelação Clarice (Instituto Moreira Salles, São Paulo, Brasil, 2021); *Radical Women: Latin American Art 1960–1985* (Brooklyn Museum, Nova York, Estados Unidos, 2018); *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos* (Oca do Ibirapuera, São Paulo, Brasil, 2017) e *Elles – Mulheres Artistas na Coleção do Centre Georges Pompidou* (Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, Brasil, 2013).

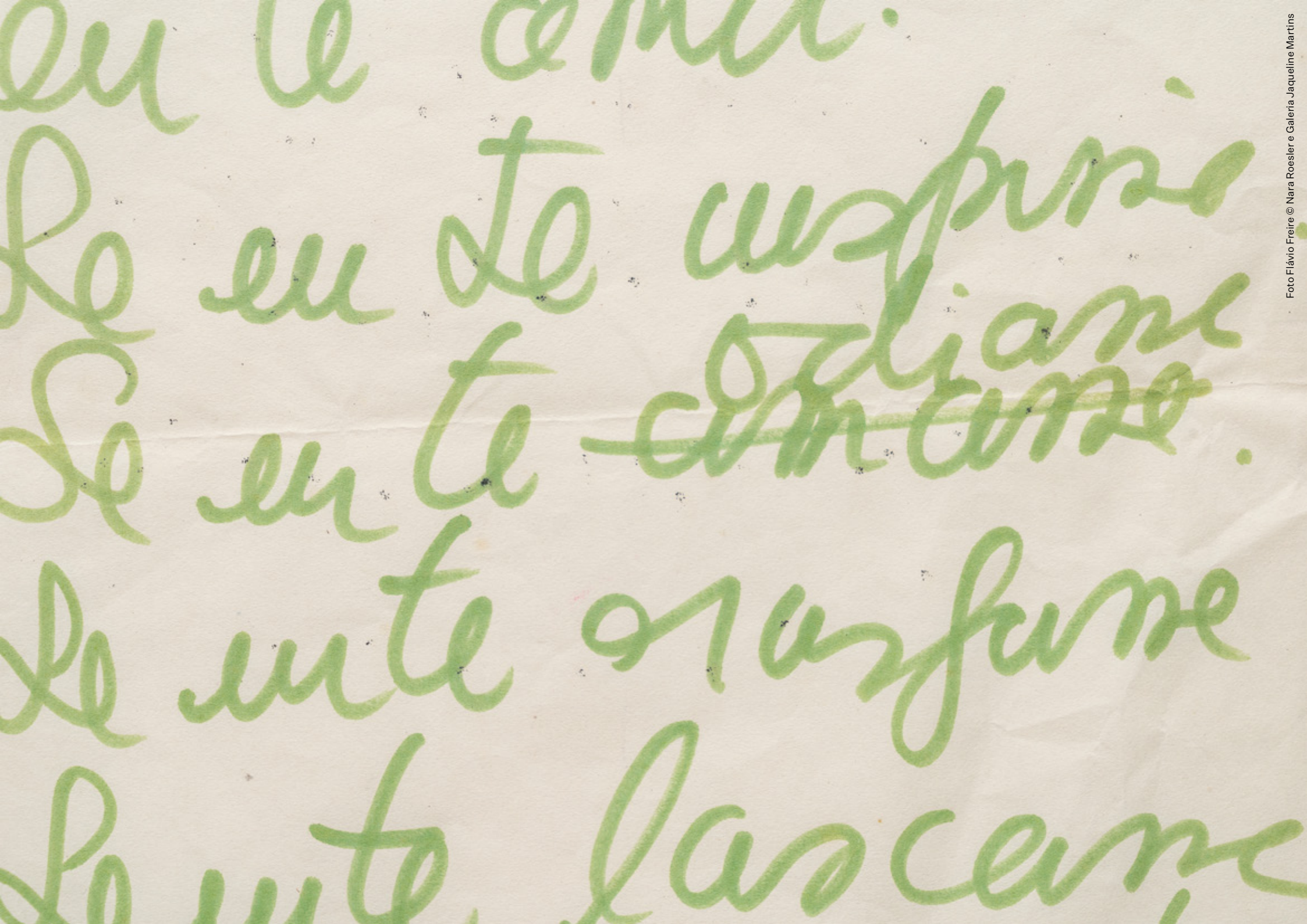
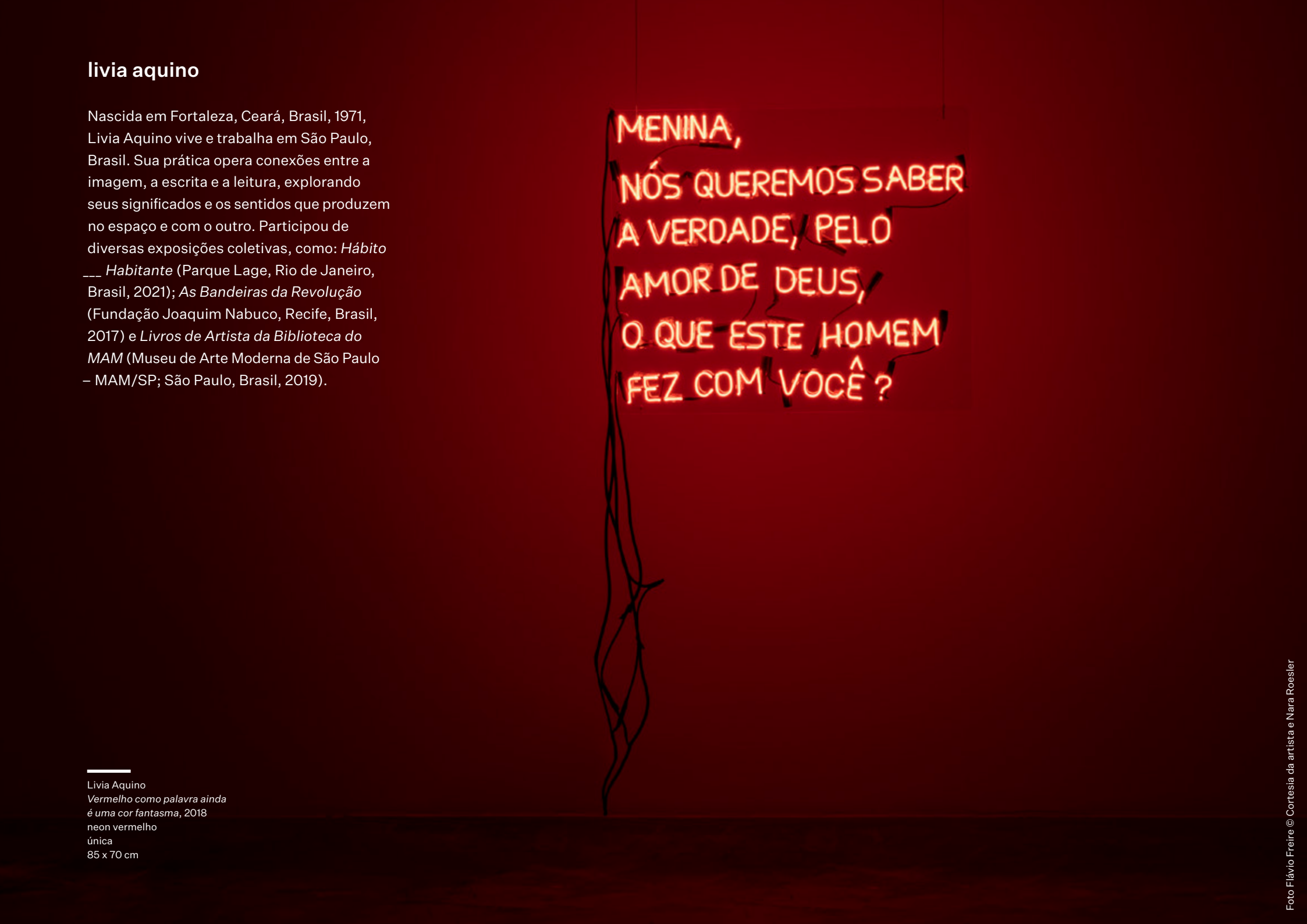


Foto Flávio Freire © Nara Roesler e Galeria Jaqueline Martins

livia aquino

Nascida em Fortaleza, Ceará, Brasil, 1971, Livia Aquino vive e trabalha em São Paulo, Brasil. Sua prática opera conexões entre a imagem, a escrita e a leitura, explorando seus significados e os sentidos que produzem no espaço e com o outro. Participou de diversas exposições coletivas, como: *Hábito ___ Habitante* (Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil, 2021); *As Bandeiras da Revolução* (Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil, 2017) e *Livros de Artista da Biblioteca do MAM* (Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP; São Paulo, Brasil, 2019).



Livia Aquino
Vermelho como palavra ainda é uma cor fantasma, 2018
neon vermelho
única
85 x 70 cm

Foto Flávio Freire © Cortesia da artista e Nara Roesler

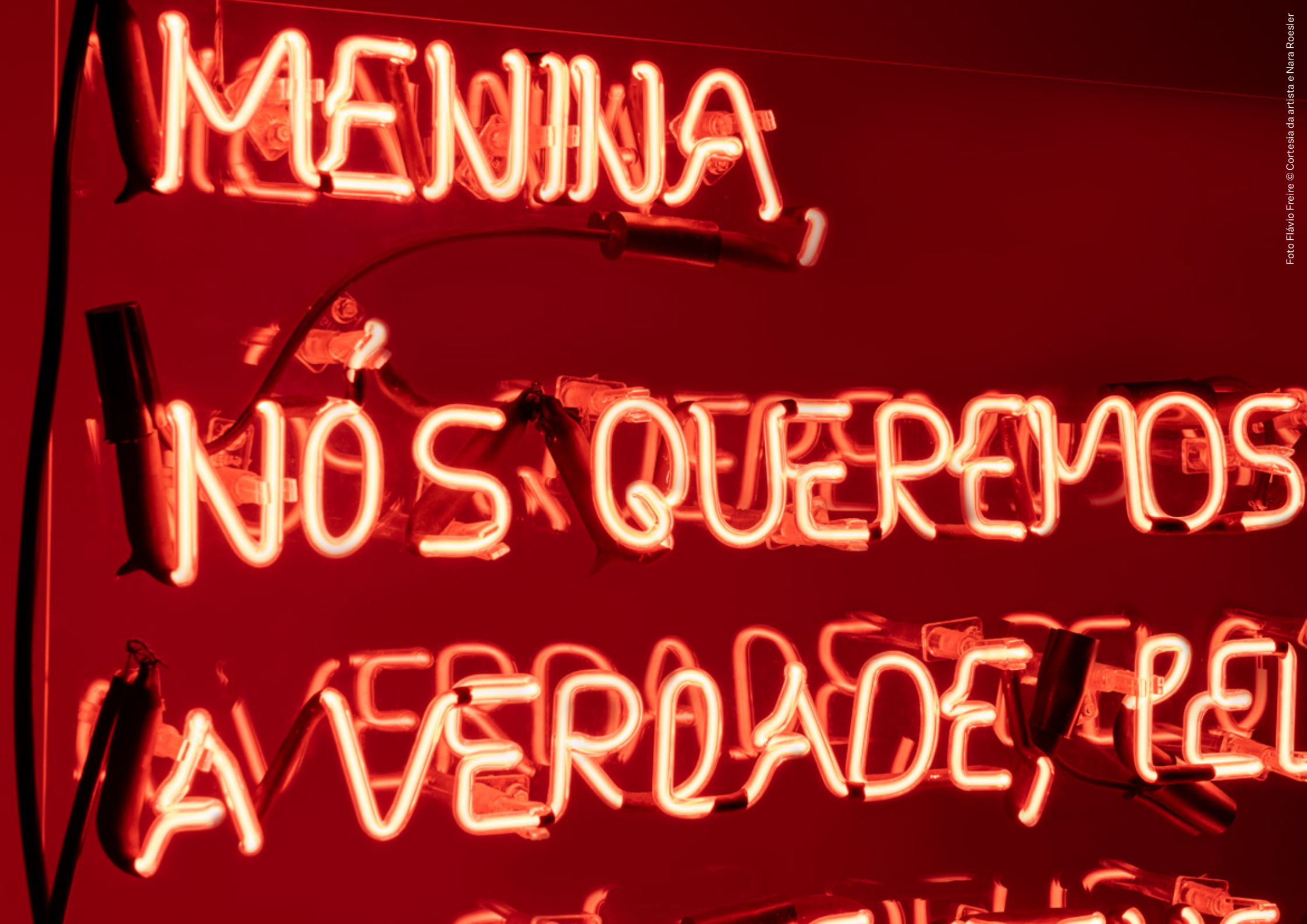


Foto Flávio Freire © Cortesia da artista e Nara Roesler

mônica ventura

Nascida em 1985 em São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha, Monica Ventura tem como elementos importantes de sua poética o feminino e a racialidade, abordadas a partir de narrativas que buscam compreender a complexidade psicossocial da mulher afrodescendente em diferentes contextos. Sua primeira individual, O *Sorriso de Acotirene* foi apresentada no Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil, em 2018. Integrou as coletivas: *Mulheres que mudaram 200 anos* (Caixa Cultural, Brasil, 2023); *Histórias Feministas* (Museu de Arte de São Paulo – MASP, São Paulo, Brasil, 2019); *Estratégias do Feminino* (Farol Santander, Porto Alegre, Brasil, 2019) e *Repartimiento – Luto Tropical* (Galeria Pasto, Buenos Aires, Argentina, 2019).

Foto Flávio Freire © Cortesia da artista

Mônica Ventura
Salto dos 9, 2022
tinta acrílica e giz pastel sobre tela
82 x 133 cm

Foto Flávio Freire © Cortesia da artista

Foto Flávio Freire © Cortesia da artista, Nara Roesler e Verve Galeria

nazareth pacheco

Nazareth Pacheco nasceu em São Paulo, Brasil, em 1961, onde vive e trabalha. Com uma obra composta sobretudo por esculturas e instalações, começou a produzir nos anos 1980, fazendo parte de uma geração que lidou intensamente com questões do corpo. Sua obra é reconhecida pelas relações com o universo feminino e pela busca da beleza, muitas vezes relacionada à intervenções cirúrgicas para a construção da imagem ideal. Seu trabalho está presente no acervo de importantes museus e instituições culturais brasileiros, como: Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP (São Paulo, Brasil); Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/USP (São Paulo, Brasil); Pinacoteca do Estado de São Paulo (São Paulo, Brasil) e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio (Rio de Janeiro, Brasil). Realizou exposições individuais em várias instituições culturais pelo país, destacando-se *Nazareth Pacheco: Gota a Gota* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, 2015) e participou também de coletivas, como *Bispo do Rosário – Eu vim: Aparição, Impregnação e Impacto* (Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil, 2022) e *Arte tem Gênero? Mulheres na Coleção de Arte da Cidade* (Centro Cultural São Paulo, São Paulo, 2018).

Nazareth Pacheco
Vestido, 2010
acrílico, cristal
e lâminas de gillete
130 x 35 cm

Foto Flávio Freire © Cortesia da artista, Nara Roesler e Verve Galeria

regina parra

Nascida em São Paulo, Brasil, em 1984, onde vive e trabalha, Regina Parra tem como eixo de sua investigação poética o erotismo e temas adjacentes, como opressão, insubordinação e resistência feminina. Para tal, opera em diferentes linguagens e suportes, como vídeo, pintura e fotografia, cruzando referências do teatro e da literatura. Participou nos últimos anos de importantes mostras coletivas, como: 36º Panorama da Arte Brasileira (Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP, São Paulo, 2019); Histórias Feministas (Museu de Arte de São Paulo – MASP, São Paulo, 2019); *Sights and Sounds* (The Jewish Museum, Nova York, Estados Unidos, 2016); *What I Really Want to Tell You* (Atchugarry Art Center, Miami, Estados Unidos, 2019); Realizou também exposições individuais, como: *Bacante* (Millan, São Paulo, Brasil, 2019) e *Táticas de Desaparecimento* (Paço das Artes, São Paulo, 2019).

Regina Parra
Lilith, 2022
tinta óleo sobre papel
arches sobre alumínio
81,2 x 76,2 cm

© Cortesia da artista e Jaqueline Martins

© Cortesia da artista

renata felinto

Nascida em São Paulo, Brasil, em 1978, Renata Felinto vive e trabalha entre sua cidade natal e o Crato, Ceará, Brasil. Tem como eixo de sua poética a questão da diáspora afro-atlântica e temas a ela relacionados, como a ancestralidade. Explora tais tópicos a partir da fotografia, da performance e da pintura. Já realizou exposições individuais dentro e fora do Brasil, dentre elas: *Miss Read Berlin Art Book Fair* (HKW Haus der Kulturen der Welt, Berlim, Alemanha, 2022) e As que me Habitam (Centro Cultural São Paulo, São Paulo, 2022). Integrou também mostras coletivas nacionais e internacionais, tais quais: *Empowerment* (Kunstmuseum Wolfsburg, Wolfsburg, Alemanha, 2022); *Coleção MAR + Enciclopédia Negra* (Museu de Arte do Rio – MAR, Rio de Janeiro, Brasil, 2022); *Histórias Afro-Atlânticas* (Instituto Tomie Ohtake/MASP, São Paulo, Brasil, 2018). Seu trabalho integra acervos de instituições dentro e fora do Brasil, como: Pinacoteca do Estado de São Paulo (São Paulo, Brasil); Museu Afro Brasil (São Paulo, Brasil) e PENN Museum (Pennsylvania University, Filadélfia, Estados Unidos).

Renata Felinto
Embalando Mateus ao som de um hardcore, 2017
livro de artista

rubiane maia

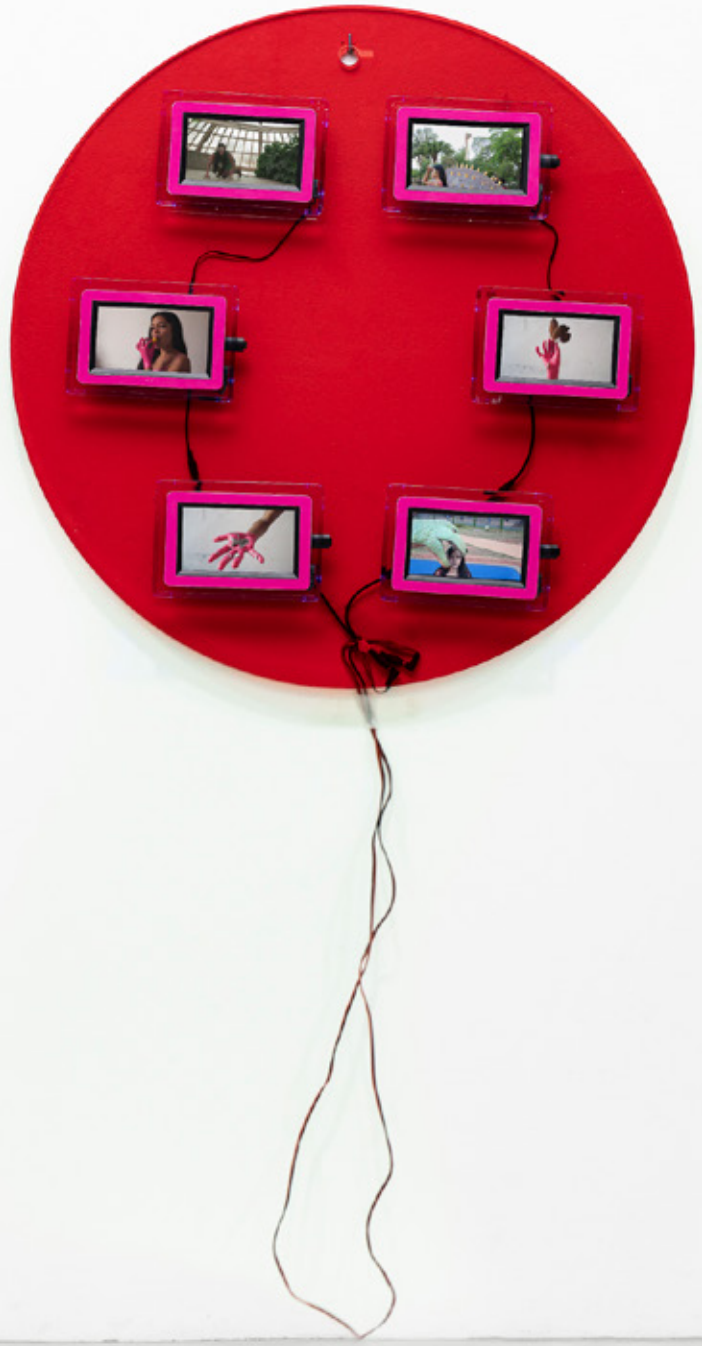
Rubiane Maia
Dissoluções, 2021
impressão digital em pigmento mineral sobre papel algodão
edição de 5 + 4 PA
53 x 80 cm (cada)

Rubiane Maia nasceu em Caratinga, Minas Gerais, Brasil, em 1979, e vive e trabalha entre Vitória, Brasil, e Folkestone, Reino Unido. Seu trabalho artístico é um híbrido entre performance, imagens e escrita e, eventualmente, também incorpora práticas de desenho, pintura e colagem. Em geral, interessa-se pelos conceitos de corpo, voz, memória, fenômenos e matéria orgânica. Realizou exposições individuais dentro e fora do Brasil, sendo a mais recente *Magical Curves. SALT + EARTH Festival of Landscape, Seascape & Environment* (Contemporary Space, Folkestone, Reino Unido, 2022). Dentre as mostras coletivas que participou, destacam-se: *We Begin To Seek Out Dirt* (SAP SPACE, Berlim, Alemanha, 2022); *Amilcar de Castro 'Na Dobra do Mundo' I Diálogos Contemporâneos 'Matéria-Linha'* (Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia – MUBE, São Paulo, 2021) e *Não me aguarde na retina* (Festival Internacional da Imagem, Santos, Brasil, 2018).

© Cortesia da artista

© Cortesia da artista

Foto Flávio Freire © Cortesia da artista



sallisa rosa

Nascida em Goiânia, Brasil, 1986, vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil. Sua poética se detém em assuntos como colonialidade, memória e ancestralidade, resultando em fotografias, vídeos e trabalhos instalativos. Realizou sua primeira exposição individual: *Supernova: Sallisa Rosa* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2021) e participou de muitas mostras coletivas de destaque, entre as quais: *Trienal do SESC Sorocaba* (Sorocaba, Brasil, 2021); *Histórias Feministas* (Museu de Arte de São Paulo – MASP, São Paulo, 2019); *Vaivém* (Centro Cultural Banco do Brasil, Brasil, 2019) e *Dja Guata Porã: Rio de Janeiro indígena* (Museu de Arte do Rio – MAR, Rio de Janeiro, Brasil, 2017).

Sallisa Rosa
Identidade é ficção, 2019
chapa de acrílico,
6 porta-retratos digitais
100 x 100 cm

Foto Flávio Freire © Cortesia da artista

Sumé Vasconcellos
Memória demarcada, 2020
fotoperformance
edição de 3 + 2 PA
52,5 x 70 cm (cada)

Memória demarcada

marquei no chão a planta da primeira casa em que vivi
marquei para lembrar de como me formei enquanto ser
demarcar me ativa memórias de quando criança
que me ardem e me molham quando as encontro
deitada lembrei dos longos cabelos de minha mãe
ocupando todo o chão formando terra para eu pisar
senti a mão de minha irmã que segurava antes de dormir
ainda sem entender do barulho constante da noite
pensei em como a demanda de estar no centro da cidade
transformava-se em violência nas manhãs em que acordávamos
pensei na presença do tempo em cada móvel doado que recebíamos
colhi galhos no chão e construí os móveis da minha casa
cada galho me lembrava das diferentes formas que ali existiam
lembrei que a noite transformava o banheiro em meu quarto
e só assim conseguia sentir a experiência da individualidade
em águas eu me banhava em possibilidades de ser feminina
transfigurando a minha corpa em espaço de conforto

minha casa ardeu em chamas quando criança por negligência
minha casa ardeu em chamas quando criança por negligência
minha casa ardeu em chamas quando criança por negligência
demarquei-a em fogo buscando transmutar a violência em que vivi
costurando no tempo uma outra experiência
condicionada por chamas que redesenham
as percepções de minhas memórias

sumé vasconcellos

Sumé Vasconcelos nasceu no Rio de Janeiro, Brasil, em 1997, onde vive e trabalha. Sua pesquisa investiga as relações conflituosas entre seu corpo e os espaços físicos e imateriais das construções coloniais, se entendendo como fonte de transmutação da dor em potência de fúria e beleza. Já realizou performances e participou de exposições dentro e fora do Brasil, como: *Sopro do Mundo* (Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia – MUBE, São Paulo, Brasil, 2021); *Máquina Lírica* (Galeria Luisa Strina, São Paulo, Brasil, 2021) e *After Language* (Festival La fête du slip, Lausanne, Suíça, 2022).

© Cortesia da artista

© Cortesia da artista

Foto Flávio Freire © Cortesia da artista

tadáskía

Nascida no Rio de Janeiro, Brasil, em 1993, Tadáskía vive e trabalha entre São Paulo, Brasil, e sua cidade natal. Sua poética tem como elemento central a elaboração de experiências imaginativas da diáspora negra, em torno de encontros familiares e estrangeiros. Para tal, ela se vale de linguagens como desenho, fotografia, instalação e trabalhos têxteis. Integrou importantes mostras coletivas dentro e fora do Brasil, como: *Leonilson e Tadáskía* (Auroras, São Paulo, Brasil, 2020); 37º Panorama da Arte Brasileira (Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP, Sao Paulo, Brasil, 2022); *Eros Rising: Visions of the Erotic in Latin American Art* (ISLAA, Nova York, 2022); *The Silence of Tired Tongues* (Framer Framed, Amsterdam, 2022); *Casa Carioca* (Museu de Arte do Rio de Janeiro, 2020–21). Também já realizou sua primeira exposição individual: *Noite Dia* (Sé, São Paulo, 2022).

Tadáskía
As juntinhas, 2022
técnica mista
102 x 74 cm (cada)

Foto Flávio Freire © Cortesia da artista

© Cortesia da artista

Tadáskía
Corda dourada com minha mãe Elenice Guarani, minha tia Marilúcia Moraes, minha vó Maria da Graça e minha tia Gracilene Guarani, 2020
fotografia 35 mm
edição de 3 + PA
60 x 90 cm

terroristas del amor

Terroristas del Amor é um coletivo formado pelas artistas cearenses Dhiovana Barroso e Marisa Noana, que vivem e trabalham em Fortaleza, Brasil. Surgido no ano de 2018, tem como principal eixo poético questões como o afeto e a ancestralidade, em especial no que se refere a vidas não-normativas. Para isso, criam trabalhos de grande impacto, como bandeiras, painéis urbanos e instalações em locais urbanos, como o reservatório de água da Cagece pici e o Sobrado José Lourenço (ambos em Fortaleza, Brasil). Possuem trabalhos no acervo do Museu de Arte Contemporânea do Ceará (Fortaleza, Brasil).

Terroristas del amor
Proteja suas amigas, 2021
tinta acrílica sobre cetim
600 x 300 cm

Foto Jorge Silvestre © Cortesia das artistas

Foto Flávio Freire © Cortesia da artista e RV Cultura e Arte

vânia medeiros

Nascida em Salvador, Bahia, Brasil, em 1984, Vânia Medeiros vive e trabalha em São Paulo, Brasil. Tem como elemento principal de sua poética o desenho, que, em relação com outras linguagens expressivas, ganha suportes diversos nos espaços expositivos e no livro impresso. Realizou exposições individuais, sendo a mais recente: *Horizonte de Eventos* (RV Galeria, Salvador, Brasil, 2020). Em coletivas, integrou: 36º Panorama da Arte Brasileira (Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP, São Paulo, Brasil, 2019). Possui trabalhos no acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP.

Vânia Medeiros
Circuito, 2022
tinta acrílica e tinta óleo
em bastão sobre lona
125 x 83 cm

Foto Flávio Freire © Cortesia da artista e RV Cultura e Arte

virginia de medeiros

Virginia de Medeiros nasceu em Feira de Santana, Bahia, Brasil, em 1973, vivendo e trabalhando atualmente em São Paulo, Brasil. Sua poética se utiliza de estratégias documentais como forma de transgredir relatos hegemônicos, dando voz e visibilidade aos indivíduos tradicionalmente negligenciados pela história. Seu trabalho integra acervos de importantes instituições culturais brasileiras, como: Pinacoteca do Estado de São Paulo (São Paulo, Brasil); Instituto Inhotim (Brumadinho, Brasil); Museu de Arte de São Paulo – MASP (São Paulo, Brasil); Associação Cultural Videobrasil (São Paulo, Brasil). Realizou exposições individuais no Brasil e exterior, como: *Clamor* (Instituto Tomie Ohtake [ITO], São Paulo, Brasil, 2019); *Studio Butterfly e outras fábulas* (Galeria Fayga Ostrower, Complexo Cultural Funarte, Brasília, Brasil, 2018) e *Faille* (La Chambre Blanche, Montreal, Canadá, 2007); Integrou exposições coletivas, dentre elas: 11ª Bienal de Berlim (Berlim, Alemanha, 2020); 3ª Bienal de Arquitetura de Chicago (Chicago, Estados Unidos, 2019); À Nordeste (Sesc 24 de Maio, São Paulo, Brasil, 2019); *Histórias da Sexualidade* (Museu de Arte de São Paulo – MASP, São Paulo, Brasil, 2017); Jogja Biennale 14 (Indonesia, 2017) e 31ª Bienal de São Paulo (Brasil, 2014).

Virginia de Medeiros
Carmen Silva Ferreira, Guerrilheiras, da série Alma de Bronze, 2017
impressão jato de tinta em Hahnemühle Photo Rag 308
edição de 5 + 2 PA
90 x 60 cm

Foto Flávio Freire © Cortesia da artista e Nara Roesler

nara roesler

são paulo
avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro
rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york
511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art
info@nararoesler.art